

O CONCEITO DE *FAYḌ* (فيض - EMANAÇÃO) NA METAFÍSICA DE IBN SĪNĀ (AVICENA) E A ESTRUTURA METAFÍSICA DA REALIDADE

THE CONCEPT OF *FAYḌ* (فيض - EMANATION) IN IBN SĪNĀ'S (AVICENNA) METAPHYSICS AND THE METAPHYSICAL STRUCTURE OF REALITY

JAMIL IBRAHIM ISKANDAR (*)



(*) **Jamil Ibrahim Iskandar**, possui graduação em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (1978), mestrado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1992) e doutorado em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas (1997). Atualmente é professor adjunto da Universidade Federal de São Paulo. Pesquisador do NUR – Núcleo de Pesquisas em Filosofia Islâmica, Judaica e Oriental.

Email: jamil.iskandar@yahoo.com

Resumo: Este trabalho faz uma exposição sobre o conceito de emanação (*fayḍ*) dos seres na doutrina aviceniana e sobre a procedência desses por emanação a partir de Deus. Apresenta, também, os mais importantes sentidos do termo *fayḍ* na língua árabe, inclusive no texto alcorânico. Antes, porém, há uma exposição sobre os modos dos seres segundo Ibn Sīnā, cuja leitura mostra a influência da lógica modal de Aristóteles em Ibn Sīnā e a estrutura metafísica da realidade.

Palavras chave: emanação, filosofia árabe, filosofia aviceniana, Ibn Sīnā, Avicena.

Abstract: This work is a presentation on the concept of emanation (*fayḍ*) beings in avicenian doctrine and on the substance of these by emanation from God. It also presents the most important senses of *fayḍ* in Arabic language, including the Qur'anic text. First, however, there is an exhibition on ways of beings according to Ibn Sīnā whose reading shows the influence of modal logic of Aristotle in Ibn Sīnā and the metaphysical structure of reality.

Key words: emanation, Arabic philosophy, Avicenna's philosophy. Ibn Sīnā, Avicenna.

INTRODUÇÃO

Mesmo de modo bastante incipiente, o primeiro filósofo a utilizar o termo emanção (*fayḍ*) na filosofia islâmica, foi Al-Kindī (ca. 796-873). Posteriormente, e de modo mais amplo, Al-Fārābī (872-950) aprofundou esta questão ao expor a sua doutrina da emanção dos seres a partir do Ser Primeiro. Entretanto, Ibn Sīnā (980-1037) foi quem de maneira mais abrangente dedicou-se a mostrar como ocorre através dos graus da emanção a existência dos seres a partir da existência do Criador.

Antes de abordar o conceito de Fayḍ (فيض) e da estrutura metafísica da realidade, é conveniente expor, mesmo de modo breve, sobre a modalidade do ser na teoria da emanção dos seres na filosofia de Ibn Sīnā. Este filósofo apresenta as seguintes noções: 1) ser necessário por si mesmo, 2) ser necessário por intermédio de outro e 3) ser possível ou contingente. Como poderá ser constato adiante, estas noções são o fundamento da teoria da emanção na concepção aviceniana.

O nosso filósofo afirma: o ser necessário é aquele que, quando é suposto inexistente, decorre daí um absurdo; o ser possível é o que quando suposto inexistente ou existente não decorre daí um absurdo. O ser necessário é necessário (*ḍarūrī*)¹; o ser possível não é necessário tanto no ser como no não-ser. É isto que queremos significar com ser possível. Ainda que signifique ser possível o que é em potência, e se diga possível tudo aquilo cujo ser é verdadeiro, isto foi explicado na lógica.

E o ser necessário pode sê-lo por si mesmo ou não. O ser necessário por si mesmo é o que é para si, não para outra coisa, seja o que for; torna-se um absurdo não supô-lo. E o ser necessário não por si é aquilo que, quando se supõe alguma coisa que não seja ele, torna-se ser necessário; como o número quatro, é necessário não por si, mas quando se supõe dois mais dois; a combustão e a queima não são necessárias por si mesmas, mas quando se pressupõe o concurso da potência agente por natureza com a potência passiva por natureza, quero dizer, o que faz queimar e o que é queimado². Como pode-se perceber, aqui Avicena estabelece os modos do ser influenciado pela lógica modal de Aristóteles.

¹ O ser necessário é necessário. Esta frase parece estranha, mas a explicação é a seguinte: o “ser necessário” é tradução de “*Wājib al-wujūd*” e “necessário” é tradução da palavra “*ḍarūrī*”.

² Sobre esse tema pode-se consultar a obra *A origem e o retorno (Al-Mabda’ wa al-Ma’ād)*. Tradução introdução e aparelho crítico de Jamil Ibrahim Iskandar. São Paulo: Martins Fontes, 2005; particularmente os tratados, I, II e III.

1. O CONCEITO DE *FAYḌ*

De acordo com Ibn Sīnā, *fayḍ* é a ação agente e permanente em sua ação, e esta ação não é por uma causa que a moveu para isto e nem para um objetivo da própria ação³.

1.1 *FAYḌ AL-ILĀHĪ* (EMANAÇÃO DIVINA). AVICENA E A EXPLANAÇÃO DO CONCEITO ARISTOTÉLICO DE EMANAÇÃO DIVINA

Fayḍ al-ilāhī (emanação divina). De acordo com o que afirma o autor da obra *Uṭulugīyya*, (isto é, aquela que ficou conhecida como *Teologia* de Aristóteles), esta é dividida em aquisição da existência por parte daquele cuja existência é uma existência fixa e permanente quanto ao número, e em uma outra existência não permanente e não fixa a não ser pela espécie. Se a existência emanar sobre uma das duas espécies, ela não abrangerá todos as existências possíveis. Então, não é necessário que a existência cesse antes da chegada ao âmbito da geração e corrupção. Diz-se ali, também, que o intelecto e a alma, mesmo que sejam anteriores à Natureza quanto à essência, vêm imediatamente após a natureza, em função das influências do mundo sensível que aceita a geração e a corrupção⁴.

Ademais, o termo árabe *Fayḍ* pode significar abundância, profusão, generosidade, inundação e emanação. Interessa-nos aqui o termo *emanação*, pois é uma expressão importante no sistema monoteísta aviceniano da procedência ou emanação dos seres a partir do Ser Primeiro; o Único. Tal termo, de base neoplatônica, particularmente de Plotino e de Proclo, foi uma tradução do grego ao árabe muito utilizado no século XII e introduzido na linguagem filosófica do mundo latino como *fluxus*. O conceito de emanação foi elaborado pela primeira vez por Plotino que afirmou:

Todos os seres, enquanto permanecem, produzem necessariamente em torno de si e de sua substância uma realidade que tende para o exterior e provém de sua atualidade

³ Cf. *Kitāb al-Ta'liqāt*. (Livro dos Comentários), pp. 8 e 292, In: GEHAMY, Gerard. *Mawsu'āt muṣṭalahāt Ibn Sīnā*. (Enciclopédia de Terminologias de Ibn Sīnā. Beirute: Maktabat Lubnān Nashirūn, 2004.

⁴ *Šarḥ kitāb uṭulugīyya al-mansūb ila Aristu*, ou seja: O Livro da Teologia atribuído a Aristóteles, 7, 68, p. 842. In: GEHAMY, Gerard. *Mawsu'āt muṣṭalahāt Ibn Sīnā*. (Enciclopédia de Terminologias de Ibn Sīnā. Beirute: Maktabat Lubnān Nashirūn, 2004.

presente. Essa realidade é como uma imagem dos arquétipos dos quais nasceu: é assim que do fogo nasce o calor e que a neve não retém em si o frio. Mas são principalmente os objetos perfumados que provam isso, pois, enquanto existem, algo **emana** deles e em torno deles. (Enn., v, 1, 6).

Em seus sentidos mais gerais, os termos *inundação* e *abundância* – quando trazidos à filosofia, particularmente à metafísica árabe – denotam abundância ou inundação da bondade de Deus na emanação dos seres como, por exemplo, quando se afirma: *fāḍ alaih ṣudūr raḥmatullah*, ou seja, “transbordou sobre ele a procedência da clemência de Deus”. É interessante lembrar que o Alcorão, o texto alcorânico, foi importante na formação do léxico filosófico em árabe. Por exemplo, no capítulo (sura) V, versículo (āya) 83, temos: Se ouvirem o que foi descido para o Mensageiro (o profeta Muḥammad), seus olhos transbordarão (*taftīḍ*) de lágrimas pelo que reconhecem da verdade..... Note-se que este transbordar, nesta passagem, tem a mesma raiz , f.y.ḍ, emanação, mas deve ser considerado como um acentuado transbordamento que lembra muito a intensidade da emanação transbordante de Deus.

Contudo, é no tratado II da obra *Al-Mabda' wa al-Ma'ād* (A origem e o retorno), que há com muita clareza uma explicação sobre o grau da emanação da existência (dos seres) a partir de existência do Ser Necessário por si mesmo (Deus), iniciando com a primeira existência a partir Dele até a última existência após a primeira. Neste tratado talvez tenhamos a mais evidente noção aviceniana de *Fayḍ* (emanação) como causação, como um ato criativo de Deus e como isto ocorre. No entanto, segundo Avicena, há certas peculiaridades do Ser Necessário para que possa ocorrer a emanação dos seres a partir dele. Vejamos: mesmo que dele proceda indiretamente uma multiplicidade de seres ele não é e nem se torna múltiplo em função disso, pois o Ser necessário, é uno por sua própria essência. “Ele é o Agente do todo no sentido de que é o Ser a partir do qual emana cada ser cuja emanação é perfeita, porém separada de sua essência⁵”. Além disso, Ele não é causado, não é corpo e, assim sendo, está isento da matéria e não é divisível sob qualquer aspecto que se possa imaginar.

Do ponto de vista do conhecimento, o Ser Necessário não entende as coisas a partir delas mesmas. Se admitirmos isto, estaríamos aceitando a multiplicidade de sua essência e necessitaria das próprias coisas para intuí-las. Mas, é ao contrário: seu conhecimento e

⁵ *Šifā'* II, 619. Cf. também, GOICHON, M. A. *Lexique de la langue philosophique D' IBN SĪNĀ*. Paris: Desclée de Brouwer, 1938.

sua ciência sobre a **necessidade de intuir**; o seu querer, isto é, a sua vontade, ou a sua bondade relativamente à intuição faz com que ela (Sua ciência, Seu conhecimento) seja necessária. Por exemplo, ele entende as coisas a partir de si mesmo e as entende como sendo seu princípio primeiro. Disto decorre que nele, o intelecto, o entendido e aquele que entende são apenas um; é ele mesmo. Não se pode imaginar nele algo em potência. Além do mais, entre o Ser Necessário e a coisa que recebe dele a sua existência não há nenhum tipo de intermediação. Portanto, Ele é o ser a partir do qual **emana** cada existência. Note-se que aqui percebe-se a teoria da emanação. E ainda: sua existência se dá a partir de sua própria essência e ao mesmo tempo é distinta de cada existência proveniente dele.

2. SOBRE OS SERES CAUSADOS (QUE EMANAM DO SER PRIMEIRO)

O sistema de emanação nos seres é um ato de intelecção porque se dá por contemplação. Quando, por exemplo, afirmamos que o primeiro intelecto emanado se dá conta, entende a si mesmo, intui que foi causado pelo Ser Primeiro, isto ocorreu por contemplação.

O Ser Primeiro, ao entender a si mesmo, emana dele um primeiro intelecto, um primeiro ser que é uno em relação a seu ser, porém múltiplo em sua ação, porque quando este primeiro ser emanado intui que é um ser possível em sua essência (pois, poderia não ter sido existido) emana dele o corpo de uma esfera celeste; quando intui que é um ser necessário por outro, gera a alma da primeira esfera celeste e ao perceber o ser do qual procedeu gera um segundo intelecto.

A partir deste segundo intelecto, o processo se repete dando origem às nove esferas celestes, a saber: a esfera extrema, esfera das estrelas fixas, Saturno, Júpiter, Marte, Sol, Venus, Mercúrio, a Lua e os outros intelectos separados até chegar ao décimo intelecto; que é chamado de intelecto agente que governa o mundo sublunar – o mundo da geração e corrupção, onde existem os quatro elementos e os quatro temperamentos.

Avicena afirma que as esferas celestes são muitas. São mais do que o número de esferas que fazem parte do primeiro causado, conforme a multiplicidade mencionada; principalmente se cada esfera for dividida em sua forma e sua matéria.

De acordo com o nosso filósofo, não possível que o princípio das esferas seja um, isto é o primeiro causado, porém ele é o mais próximo do Ser Primeiro. Não é possível

também que cada corpo anterior seja causa do corpo posterior, porque não é possível que um corpo, enquanto corpo, seja princípio de um outro corpo. Além disso, o que tem uma faculdade anímica não é possível que seja princípio de um corpo cuja alma é outra.

Ademais, a alma de cada esfera é sua perfeição e sua forma; não é uma substância separada, pois, caso contrário, seria intelecto e não alma, e não moveria, absolutamente. É importante perceber que para Avicena os princípios das esferas celestes não são corpos e os corpos não têm forma e toda esfera tem um princípio próprio e todas as esferas têm um só princípio comum.

Analisando este processo de emanção e de causas, não há como não admitir uma causa primeira, pois não se pode admitir causas de modo infinito. Desse modo, do ponto de vista aviceniano, somente o Ser Necessário por si mesmo (Deus) com seus atributos peculiares pode ser a causa primeira da existência de todas as coisas.

CONCLUSÃO:

Como pode-se perceber, há duas doutrinas nesta dinâmica da explicação do advento dos seres e da estrutura da realidade. A doutrina aristotélica da causalidade e o processo emanativo a partir do Primeiro de base neoplatônica, porém mescladas com uma explicação peculiar do pensamento aviceniano sobre o Ser Necessário por sua própria essência que, para Avicena, é Deus.

REFERÊNCIAS:

AVICENA (IBN SĪNĀ). *A Origem e o Retorno*. Introdução e aparelho crítico de Jamil Ibrahim Iskandar. São Paulo : Martins Fontes, 2005.

GEHAMY, Gerard. *Mawsu'āt muṣṭalahāt Ibn Sīnā*. (Enciclopédia de terminologias de Ibn Sīnā. Beirute : Maktabat Lubnān Naširūn, 2004.

GOICHON, A. M. *Lexique de La langue philosophique d'Ibn Sīnā*. Paris: Desclée de Brouwer, 1938.

IBN SĪNĀ. *Al-Šifā', I-II. Al-Ilahiyāt* (Metafísica). Milenário de Ibn Sīnā. Edição de G.C. Anawati e Sa'id Zayed. Cairo: 1980.

PLOTINO. *Enéada II: A organização do cosmo*. Introdução, tradução e notas de João Lupi. Petrópolis : Vozes, 2010.

ULLMANN, Reinholdo Aloysio. *Plotino: um estudo das Enéadas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

ANEXO 1:

*Tabela de transliteração
das letras árabes*

Letra árabe	Transliteração	Pronúncia
ء	'	é como se fosse um hiato.
ب	b	é a letra b normal.
ت	t	é a letra t normal.
ث	ṭ	é semelhante à letra z espanhola (pronuncia-se com a língua entre os dentes).
ج	j	é a letra j normal.
ح	ḥ	é a letra h aspirada fortemente.
خ	ḫ	é semelhante à pronúncia da letra j na língua espanhola, como em Juan, por exemplo.
د	d	é a letra d normal.
ذ	ḏ	é próximo ao th da língua inglesa, como em those, por exemplo.
ر	r	é a letra r normal.
ز	z	é a letra z sonora.
س	s	é a letra s normal.
ش	š	é semelhante ao sh da língua inglesa, como em she, por exemplo.
ص	ṣ	é a letra s bem enfática.